

Editorial

Num ano marcado por imprevistos nas nossas vidas pessoais e profissionais resultantes da pandemia COVID19, a publicação, no calendário habitual, do volume 51 da *Revista Portuguesa de História* constitui uma evidência da capacidade de lidarmos com as incertezas, uma dimensão constituinte da evolução da humanidade.

Neste contexto é oportuno lembrar que a RPH resultou de um projeto pensado e concretizado pelos membros da Direção do Instituto de Estudos Históricos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, nos anos iniciais da segunda Guerra Mundial, tendo o primeiro tomo sido publicado em 1941.

Os historiadores conimbricenses sabiam que a guerra, com os seus efeitos devastadores e desfechos imprevistos, iria ter um fim que não podia adiar a criação de um periódico científico dedicado à divulgação do seu labor académico, sendo ainda um veículo de difusão da historiografia estrangeira, que assumiu nos primeiros números da revista sobretudo a forma de recensões críticas. Com esperança no Futuro, ambicionava-se contribuir para que “a historiografia nacional” conhecesse “novos rumos”.

Idêntica ousadia tinha levado os jovens historiadores Marc Bloch e Lucien Febvre a criar, no ano trágico de 1929, a Revista *Annales d’Histoire Économique et Sociale*, periódico científico que haveria de revolucionar o campo historiográfico sobretudo em termos de construção de um conhecimento histórico abrangente nas temáticas e nas perspetivas de análise, que se queriam interdisciplinares, e que contribuíssem para o esforço de compreensão dos problemas decorrentes de um mundo em crise.

Apesar dos escritos dos fundadores da RPH, nomeadamente de Torquato de Sousa Soares, evidenciarem o conhecimento dos rumos da investigação e da escrita da História que estavam a ser desbravados pela jovem revista francesa *Annales*, constrangimentos de natureza ideológica impostos pelo Estado Novo haveriam de alinhar a jovem revista portuguesa sobretudo com a *Revue Historique*, criada em 1876, um excelente modelo em termos de metodologia crítica mas de fôlego curto no concernente às temáticas e cronologias circunscritas aos estudos políticos e institucionais de um Passado longínquo, sobretudo medieval, condição considerada necessária para atingir uma objetividade expressa numa descrição dos factos tal como tinham acontecido.

A RPH haveria de sintonizar-se, em pleno, com as novas concepções historiográficas nos anos setenta, tempo em que a investigação histórica académica se passou a desenvolver num ambiente de liberdade de escolha temática influenciada, agora, por gostos, modas, mas também pela necessidade sentida pelos historiadores de contribuir para dar lastro temporal a fenómenos transtemporais, como se evidencia na atualidade no espaço concedido aos historiadores para apresentarem os resultados das suas pesquisas sobre doenças em geral e, em particular, sobre pandemias.

Comemorando-se no ano presente o bicentenário da Revolução Liberal, seria expectável que tivessem chegado a este volume da RPH propostas de publicação de artigos referentes a esta temática. Tal não ocorreu. Como se conclui da simples leitura do índice, os assuntos são muito diversificados refletindo, aparentemente, a fragmentação do campo historiográfico a que assistimos na atualidade.

A análise dos conteúdos dos artigos permite-nos, no entanto, afirmar que carregam um contributo relevante para a historiografia atual, estando em linha com algumas das suas tendências. Começamos por destacar a diversidade historiográfica: ainda que a maioria dos artigos seja de autoria de historiadores portugueses e versando temas de história nacional, o volume 51 da RPH acolhe, com muito gosto, artigos que constituem expressão da historiografia espanhola, italiana e latino-americana, facto que lhe confere uma dimensão de história global, complementada por outros cujo objeto de estudo remete para outras escalas: a nacional e a local.

Em relação às cronologias, situam-se num amplo arco temporal que se inicia no império romano, percorre os tempos medievais e da época moderna, demorando-se numa temporalidade tradicionalmente designada por época contemporânea que percorre os finais do século XIX até ao século XX.

Quanto aos grandes campos temáticos, os estudos situam-se em áreas da agenda historiográfica mais recente, caso dos estudos sobre alimentação, ciência, mulher, vida quotidiana, poder simbólico ou de uma nova história das instituições e organizações que se analisam em articulação com questões económicas.

Num campo historiográfico mais erudito ainda que renovado por novas questões, este volume publica um artigo sobre Diplomática e outro sobre Metrologia.

Em termos da construção historiográfica, importa atender à convergência de vários artigos no que se refere à metodologia da “desconstrução” das fontes, nomeadamente as literárias ou as que veiculam o discurso da imprensa escrita (revistas e jornais) e do texto científico. A demonstração da necessidade da compreensão “em contexto” destas fontes, (onde ecoam algumas influências da

“filosofia da linguagem”) constitui um contributo metodológico/teórico muito relevante nesta revista.

Neste editorial cumpre-me manifestar o nosso contentamento pelo facto de a RPH ter sido integrada na plataforma DOAJ (Directory of Open Access Journals), passando a contar com mais um prestigiado veículo de difusão dos artigos para além da Web of Science, Scopus, ERIHPLUS (European Reference Index for the Humanities and Social Sciences), Latindex, Dialnet, Scientific Journal Impact Factor, SHERPA/ROMEO. Trata-se de mais um fruto resultante do esforço empenhado de várias pessoas e instituições que, ao longo do tempo, deram o seu melhor no sentido de melhorar a qualidade da Revista.

No que se reporta ao atual tomo, cumpre-me, em primeiro lugar, agradecer aos autores dos artigos e das recensões o facto de nos terem proposto a divulgação dos resultados da sua investigação e de adequarem os seus textos às normas da RPH. Em segundo lugar, exprimo a minha gratidão aos historiadores que efetuaram a revisão científica dos artigos e recensões aqui apresentados, bem como de muitos outros que foram propostos para publicação, conferindo à RPH o nível de qualidade exigido pelos padrões internacionais.

Na qualidade de diretora da RPH manifesto ainda o meu reconhecimento a todos aqueles que tornaram possível a edição deste volume. A coordenação de um periódico científico é um labor muito exigente e que requer uma generosa disponibilidade de tempo. Este tomo conta com a colaboração, empenhada e proficiente, na coordenação científica da minha colega Doutora Maria Antónia Lopes a quem manifesto o meu profundo reconhecimento. A coordenação técnica da revista foi feita pela Dr.^a Carla Rosa a quem agradeço o empenhamento, profissionalismo e competência.

Apresento ainda os meus agradecimentos ao Sr. Diretor da FLUC e ao Sr. Diretor do DHEEAA pelo suporte institucional dado à RPH. Ao Sr. Diretor da Imprensa da Universidade de Coimbra agradeço o acolhimento da publicação da RPH, agradecimento extensivo a todos os colaboradores da Imprensa da Universidade de Coimbra que dão o seu melhor no sentido da edição e da divulgação das publicações que têm a seu cargo.

A diretora da Revista

Margarida Sobral Neto

